

Roda de diálogo on-line enquanto ferramenta de incentivo à leitura e à escrita como formas de prevenção ao *bullying*

PATRÍCIA KELLY DA SILVA LOBO*

WAGNER JOSÉ DE AGUIAR**

Resumo: Este trabalho objetiva discorrer sobre a leitura e a escrita enquanto alternativa em tempos de pandemia, motivando sentimentos que despertam a empatia como estratégias frente ao isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19. A experiência aconteceu numa Escola de Referência em Ensino Médio (EREM), na cidade do Recife. Nossa prática se desenvolveu dentro de um macroprojeto que objetivava mobilizar a comunidade escolar para a vivência de ações pedagógicas alusivas ao Dia Mundial de Enfrentamento ao *Bullying* coordenado por um docente da instituição. Para isso, fizemos uso de roda de diálogo virtual com dois escritores e também professores. Fizemos uso das plataformas *StreamYard* e *Youtube*, para favorecer a interação através dos comentários. Com essa vivência, pudemos discutir temas relevantes como isolamento social, ansiedade, afetividade, literatura e autoconhecimento. Foi através da interação que se pôde perceber a compreensão da relevância do tema e a necessidade de maior discussão acerca do fenômeno *bullying*.

Palavras-chave: diálogo; enfrentamento à violência. letramentos.

Online chat circle as a tool to encourage reading and writing for self-knowledge and bullying prevention

Abstract: This work aims to discuss Reading and writing as an alternative in times of pandemic, feelings that motivate the self-knowledge as strategies face to isolation social resulted from the Covid-19 pandemic. The experience related in this work happened in a High School located in city of Recife. Our practice has been developed in a macro-project that aimed to remember the World Bullying Combat Day, coordinated by a teacher from the insitution. To that end, we made virtual dialogue circles with two writes and also teachers. We made use of *StreamYard* and *Youtube*, in order to favor interaction with who participed with comments. With this experience, we were able to discuss relevant issues such as social isolation, anxiety, affectivity, literature and self-knowledge. Through the interaction we realized the comprehension of relevance of the topic and the need of further discussion about the phenomenon of Bullying.

Key words: circles; combating violence; literacy.



*

PATRÍCIA KELLY DA SILVA LOBO é Mestra em Letras (UPE).



**

WAGNER JOSÉ DE AGUIAR é doutorando em Meio Ambiente pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Considerações iniciais

O *bullying* se conceitua como um fenômeno de violência sistemática, ou seja, repetitiva, que atinge principalmente adolescentes em contexto escolar, em sua maioria. Muito se fala em combate ao *bullying* e sobre a função da escola nesse contexto, mas é necessário que a instituição de ensino, bem como a sociedade no geral, compreenda de que se trata o fenômeno.

Como o *bullying* acontece, em sua maioria, em indivíduos com idade escolar, é necessário, para combatê-lo, repensar as práticas educativas sobre essa temática, já que a escola é um espaço que pode ser palco de violência e que esta precisa ser combatida.

Mas o que é isto? Ele [o *bullying*] é um fenômeno de proporção global, podendo ocorrer em escolas públicas e privadas, mas também em outros espaços, sendo a escola o local de maior preocupação da sua ocorrência, pois é nela que se encontram crianças, adolescentes (LIMA NETO, 2019, p. 23).

Justamente pelo fato de a escola abrigar consigo um ambiente que pode ser cenário para o fenômeno é que surge a necessidade de o ambiente escolar encabeçar iniciativas pedagógicas que possam atuar minimizando a ocorrência do *bullying*, de modo a prevenir possíveis situações e tratar episódios já ocorridos, pois o *bullying* prejudica tanto a individualidade dos que sofrem quanto o seio escolar como um espaço coletivo.

As causas do *bullying* são diversas, mas é fato que o autoconhecimento fortalece o indivíduo e pode ser um fator preventivo ao fenômeno. Nosso trabalho aconteceu remotamente devido à pandemia de Covid-19 e, por causa disso, assuntos que vieram à tona no isolamento social estiveram muito presentes em nossas discussões. Para diminuir a ansiedade e

os sentimentos que permeiam o indivíduo nesse contexto, nosso trabalho reuniu pessoas, dentro de um macroprojeto, que falaram sobre a leitura e a escrita em tempos de pandemia enquanto processo de autoconhecimento, amor próprio, autocuidado, respeito ao próximo e empatia, fatores esses que podem atuar como um ato de prevenção contra o fenômeno *bullying*, promovendo a externalização das angústias, dos medos e também dos sentimentos de alteridade e respeito, para tornar indivíduos mais seguros e empáticos.

O fenômeno bullying e suas manifestações no espaço escolar

Outro fator que agrava as consequências do *bullying* é que a escola abriga indivíduos em sua fase de formação e descoberta, seja da vida profissional ou pessoal. Sofrer violência nessa fase da vida pode gerar consequências irreparáveis para os jovens,

os quais socializam suas experiências, interagem com fim de formar a sua identidade pessoal e profissional e é um ambiente onde há a interação de pessoas com diferenças de idade, cor, sexo, religião, ou seja, é um ambiente plural onde deve haver o respeito, a solidariedade e o afeto (LIMA NETO, 2019, p. 23).

Isso significa dizer que a escola desempenha papel social imprescindível no que diz respeito ao enfrentamento à violência, já que ela é um dos lugares onde acontece com frequência o fenômeno *bullying*. No ambiente escolar, há a presença da diversidade de crenças, pensamentos e ideias. Por isso, elas devem ser sempre acolhidas e respeitadas. Apesar de a escola ser um ambiente necessário para o enfrentamento ao *bullying* justamente por ser um ambiente plural, não é simples

combatê-lo. Ferreira (2017) salienta que o *bullying* é

Um fenômeno complexo, de difícil tratativa e tem na sua base o fato de que os humanos nem sempre compreendem as diferenças existentes entre eles e, em razão de não perceberem tais diferenças, podem querer eliminá-las por meio de violência simbólica e/ou violência física, agressões e intimidações em série (FERREIRA, 2017, p. 17).

A violência pode começar pela não aceitação do outro e das suas particularidades, e, por isso, o papel da escola frente à conscientização do respeito e da empatia é de grande colaboração. A difícil tratativa do *bullying* citada pelo autor é um fator que resulta, muitas vezes, da falta de identificação do fenômeno por parte da escola. Por ser complexo e pouco conhecido por seus atores, seja em razão da carência ou da superficialidade na abordagem do tema nos processos formativos iniciais ou continuados, muitas vezes a instituição tende a se omitir das situações de enfrentamento. É importante atuar de modo a minimizar esse problema em seu foco e também em sua prevenção, partindo de uma postura dialógica para o reconhecimento, a prevenção e o enfrentamento a casos de violência.

É importante a escola atuar em diálogo com todos os atores sociais da comunidade escolar, agindo de forma a tentar solucionar problemas existentes na instituição quanto ao *bullying*, porém é necessário adotar uma política de prevenção ao fenômeno e que esta ocorra mediante conscientização sobre autoconhecimento e também sobre empatia para que ocorra uma diminuição das situações de violência no contexto escolar. Assim, é importante refletir sobre a responsabilidade da escola, pois, se essa instituição se isenta de abordar

uma temática relevante como o combate ao fenômeno *bullying*, ela, conseqüentemente, estará prejudicando, além das dimensões psíquicas do indivíduo, ao desempenho escolar deste. Além de haver a maior possibilidade de a escola se tornar um ambiente hostil, marcado pela violência e pela omissão, pois o *bullying* “desumaniza as relações, agride aos direitos, e promove o flagelamento do ser em formação seja ele a vítima, o agressor, ou até mesmo a testemunha” (LIMA NETO, 2019, p. 37).

Lima Neto (2019), em referência a Alvilés Martinez (2012), reflete sobre os fatores externos e internos que podem constituir em diversas causas para a manifestação do fenômeno *bullying*. Os externos são caracterizados pela sociedade como um todo, por exemplo: preconceito, valorização desmedida dos padrões de beleza, racismo, desigualdade social. Já os internos concernem à esfera da comunidade escolar.

Já do ponto de vista interno, tem-se atenção especial para o projeto pedagógico, a visão da escola e a maneira como os agentes escolares se relacionam entre si e com os alunos e as alunas. Por isso, é necessário que haja uma proposta de ensino e planejamento pautados no respeito, no diálogo e na busca por uma ação que “incida adequadamente nos conteúdos, procedimentos e atitudes a serem abordadas e nas estratégias organizativas, metodológicas e didáticas a serem colocadas em funcionamento por [...] membros a comunidade educativa. (ALVILÉS MARTINEZ, 2012, p. 14 *apud* LIMA NETO, 2019, p. 38).

As conseqüências positivas quando a escola assume uma postura dialógica são muitas: melhora as relações entre os atores do contexto escolar, diminui os

índices de violência, potencializa o rendimento escolar dos educandos e colabora para diminuir o preconceito na escola e na sociedade, pois é nela onde os indivíduos devem ser preparados para atuar.

Muito se discute sobre como a escola deve proceder a fim de diminuir as situações de *bullying* e conscientizar os seus educandos. Tal resposta distancia-se de fórmulas prontas e precisa ser respondida em diálogo com todos os envolvidos no contexto educacional e de acordo com as peculiaridades de cada escola. Porém, é importante frisar que o combate ao *bullying* entra diretamente em acordo com uma postura democrática e dialógica. Quaisquer ações que fujam dessas características, sendo elas impostas ou tidas como obrigação, podem não resultar em ações eficazes para a conscientização sobre a gravidade do *bullying* e para a diminuição da violência.

Para alcançar resultados significativos a escola deve entender que a prática educativa vivenciada em seu centro deve ser aberta às mudanças, pois não é um processo linear e mecânico, deve enveredar-se para um pensamento humanizado e afetivo, onde perceba-se uma cultura voltada para a solidariedade e para a empatia no processo de formação cidadã e que estes processos irão ocorrer no local mais importante da sua estrutura física: a sala de aula. (LIMA NETO, 2019, p. 44).

Dessa forma, percebe-se como fundamental a atuação do professor nessa prática, dialogando com o estudante e levantando possibilidades de discussões que suscitem essa temática para que, juntos, promovam ações de enfrentamento ao fenômeno *bullying*.

O diálogo como princípio de uma prática educativa libertadora

Segundo Freire (2000), o ser humano é um ser de relações. Desde os primórdios até a contemporaneidade, temos nos constituído em função do mundo no qual estamos inseridos: nossos modos de sentir, de pensar e de se apropriar da realidade nunca foram constantes no decorrer do nosso processo de humanização. Através do contato com essa diversidade de formas de ser e de estar no mundo, adquirimos um sentido plural para as nossas singularidades, nos reconhecendo como integrante de um todo, onde cada um enquanto uma parte dessa interconexão traça um laço de coexistência com as demais partes, permitindo que a nossa individualidade se complete na relação com o outro no mundo.

O contato ao qual fazemos referência pode ser trazido por um princípio que os defensores da pedagogia transformadora trazem, o princípio do *diálogo*. Segundo Freire, grande pioneiro nessa discussão, o diálogo se constitui como um método pelo qual se busca conhecer e transformar o contexto concreto de vida dos sujeitos. Conforme a adjetivação aqui atribuída à pedagogia progressista, a *dialógica* freireana extrapola a ideia de um encontro de dois sujeitos que buscam o significado das coisas, reconhecendo uma relação que se consolida numa atuação transformadora. Pressupondo a dialógica um sentido transformador, há de se convir que o diálogo requer um espaço propício para sua realização, para que possa ser pronunciamento e transformação do mundo. Em outras palavras, é preciso correlacionar a ideia e a realidade para um diálogo efetivo.

Freire (1980) define o diálogo ainda como um “*método de libertação*”, devendo ele ser a base para a construção de uma percepção crítica da realidade,

capaz de subsidiar o reconhecimento das relações de dominação que permeiam as formas vigentes de organização social, sobretudo aquelas geradoras de desigualdade. Ao tomarmos os preceitos da pedagogia dialógica, observaremos que um dos seus postulados afirma: “ensinar exige criticidade”. Essa “recomendação” para o processo pedagógico nos dá uma referência para entendermos o modelo de educação ideal para os sujeitos oprimidos por uma educação verticalizada, puramente conteudista e vazia de reflexividade. A criticidade a ser empreendida, na relação ensino-aprendizagem, ganha, a partir do discurso revolucionário de Freire, um diferencial de extrema importância para o progresso de uma pedagogia sustentada na formação de uma consciência crítica atrelada ao fortalecimento de uma autonomia, que se contrapõe à formação de uma “consciência ingênua” (FREIRE, 1983, p.105), dissociada da realidade.

A pedagogia, quando dialógica, deve ter a realidade como ponto de partida e de chegada, de tal maneira que o ato educativo seja orientado por e para uma leitura de mundo, onde conhecimento e transformação se completam na emancipação humana. Dialogar sobre a realidade significa “conhecê-la, desvendá-la, problematizá-la, o que implica numa nova postura pedagógica crítica e libertadora para a mudança do mundo” (FREIRE, 1980). A dimensão metodológica de uma educação transformadora deve constituir-se a partir de um diálogo problematizador, em que educador e educando se conhecem um ao outro, estabelecendo uma formação própria de suas realidades, interesses e saberes (FREIRE, 1996). Dessa forma, assumir a problematização, enquanto perspectiva metodológica na construção do conhecimento, significa ainda tomar a realidade como problemática de modo atrelado ao empoderamento dos

indivíduos para a sua resolução, uma vez que, no pensamento de Freire, as questões e problemas principais de educação não são exclusivamente questões pedagógicas, mas também são políticas.

Nesse processo de intervenção na realidade, o diálogo assume uma importância significativa para a formação da autonomia dos sujeitos, principalmente quando estes se encontram organizados em coletivos críticos, já que a consciência crítica leva à politização (VASCONCELOS, 2010). De acordo com Freire (1982, p.43) “o princípio dialógico não está restrito à fala e à palavra, mas compreende ações e modos de expressão de vida, especialmente a vida nova que se busca”. É sob esse olhar que deve se pensar a transformação dos homens entre si e, por conseguinte, a construção de uma cultura de paz, respeito e solidariedade nos diferentes âmbitos sociais, inclusive no ambiente escolar onde o fenômeno *bullying* pode estar sendo um aliado a relações de exclusão e de opressão entre os sujeitos em formação.

O papel das práticas de letramento e o seu caráter pluralista na sociedade

Para direcionarmos o olhar para nossa prática pedagógica, é necessária a discussão do conceito de letramento ou letramento por nós utilizada que subsidiou o caminho percorrido no nosso trabalho. Utilizamos, aqui, o conceito de letramento postulado por Soares (2002), o qual evidencia que

letramento é, na argumentação desenvolvida neste texto, o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento (SOARES, 2002, p. 145).

A partir desta afirmativa, podemos perceber que a leitura e a escrita, através da perspectiva teórica do letramento, estão intrinsecamente ligadas ao uso social. O conceito de eventos de letramento nos mostra o caráter particular e inédito de cada situação em que a leitura e a escrita são utilizadas com a finalidade de interagir no mundo. A autora prossegue ressaltando a importância do papel de “indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita”. Afirmar ainda que essas pessoas têm habilidades importantes para participar ativamente das mais diversas situações do meio em que vivem, que as proporciona “formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição de inserção em uma sociedade letrada” (SOARES, 2002, p. 146).

A partir da interação social, que se modifica a cada dia, novas práticas de letramento são criadas e recriadas, em consonância com o caráter de mutabilidade da língua, que é tida para nós como interação social. Nesse sentido, a palavra letramento foi ampliada para letramentos com o objetivo de abarcar as diferentes linguagens.

Na verdade, essa necessidade de pluralização da palavra letramento e, portanto, do fenômeno que ela designa já vem sendo reconhecida internacionalmente, para designar diferentes efeitos cognitivos, culturais e sociais em função ora dos contextos de interação com a palavra escrita, ora em função de variadas e múltiplas formas de interação com o mundo – não só a palavra escrita, mas também a comunicação visual, auditiva, espacial. Dados os limites e objetivos deste texto, esses muitos letramentos não são aqui discutidos; propõe-se o uso do plural letramentos para enfatizar a ideia de que diferentes tecnologias de escrita

geram diferentes estados ou condições naqueles que fazem uso dessas tecnologias, em suas práticas de leitura e de escrita: diferentes espaços de escrita e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos (SOARES, 2002, p. 156).

A cada dia, é frequente a constatação de que as tecnologias são muito importantes para a comunicação e para a compreensão e produção de sentidos pelos indivíduos. Ou seja, atualmente, não é possível apenas receber informações nos ambientes digitais, mas também é inevitável a interação através deles, seja por conta de comentários, de *vlogs* e de postagens no geral. Esse indivíduo atua por meio dos multiletramentos, teoria na qual trataremos as colaborações de Rojo (2012). A autora afirma que tal mudança na sociedade faz com que “o computador, o celular e a TV cada vez mais se distanciem de uma máquina de reprodução e se aproximem de máquinas de produção colaborativa” (ROJO, 2012, p. 24). Tal perspectiva é importante para o nosso trabalho, pois a roda de diálogo on-line reafirma, na prática, o conceito de colaboração trazido pela autora quando os indivíduos que “assistem” a uma conversa podem participar através dos comentários, tendo seus discursos incorporados no momento da interação.

No que diz respeito a essa teoria (a Pedagogia dos Multiletramentos), a autora salienta que a abordagem se trata de uma pedagogia porque não corresponde a um conjunto estanque de ideias. Pelo contrário: a escola deve “tomar a seu cargo” (ROJO 2012, p.12) tal perspectiva a depender das vivências de mundo dos estudantes. Além do fator tecnológico, existe também o cultural. É importante ofertar a atenção para o contexto atual, que demanda, mais do que nunca, atenção às minorias (mas,

maiorias sociais) e às suas formas de pensar, agir e manifestar-se no mundo, não deixando de ignorar as suas maneiras de expressão com o objetivo de tornar a sociedade e, conseqüentemente, a escola, cada dia mais abertas ao diálogo e ao respeito às diferenças. Tais fatores ocasionaram uma hibridização das produções culturais e reconstituiu um cenário que antes era dicotomizado em “popular x erudito”; “canônico x de massa” (ROJO, 2012, p. 13-14). Sendo assim, torna-se função da escola oferecer um ensino que contemple a “diversidade cultural e de linguagens” (ROJO, 2012 p. 22) presentes na contemporaneidade.

Sendo assim, a escola precisa se adequar a essas mudanças e o currículo tradicional precisa se atualizar de modo a abranger as práticas dos estudantes. Por isso, de acordo com a autora, “o desafio fica colocado pelas nossas práticas escolares de leitura/ escrita que já eram restritas e insuficientes mesmo para a ‘era do impresso’” (ROJO, 2012 p. 22). É necessário haver a reflexão sobre como o ensino de Língua Portuguesa pode se abrir aos multiletramentos não para ensinar o que os estudantes já sabem (o manuseio de tais tecnologias), mas partir de tal ponto para desenvolver habilidades necessárias à vida do estudante com o letramento da letra, como exercitar seu senso crítico e adequar sua produção textual para todas as situações e vivências.

A experiência de uma roda de diálogo sobre letramento e enfrentamento ao bullying: reflexões e perspectivas

A ideia da roda de diálogo parte do caráter democrático que esta possui através da sua interação. Na nossa vivência enquanto professores, percebemos que fatores como o autoconhecimento podem ser estimulados através da expressão dos seus sentimentos, ideias e valores. Nesse

sentido, dialogamos com a ideia de Silva (2009), que afirma:

Defendo que essas relações, que desembocam nas agressões e/ou violências verbais e físicas, só serão melhor entendidas e solucionadas quando o sujeito entende a si e o porquê das discriminações, preconceitos e minorizações de pessoas (SILVA, 2019, p.16).

O autor mantém sua afirmação associando o letramento, que é caracterizado como prática social, à atuação sobre o mundo ao seu redor como estratégia possível para minimizar os problemas sociais e formar um indivíduo atuante no contexto onde ele está inserido.

A competência leitora sobre o conhecimento de si e as práticas de bullying, dentro e, sobretudo, fora da escola pode ser atestada, quando da discussão de textos sobre o assunto, mediadas por uma abordagem interacionista que exija do leitor competentes atuações em defesa de si e dos outros. Espera-se que as práticas de letramento voltadas, principalmente, para a leitura consigam formar ou construir esse sujeito agente e reagente na sociedade. No caso do bullying, é preciso saber enfrentar a questão como um desafio pessoal, principalmente para aquelas pessoas potencialmente vítimas dessa prática desumana (SILVA, 2019, p. 18).

A partir dessas concepções, o relato da nossa prática torna-se importante, pois foi percebido que, através dela, muitos atores sociais se envolveram e puderam compreender mais sobre o fenômeno *bullying*, além de participarem, numa postura dialógica. Sendo assim, a roda de diálogo (um evento de letramento) favoreceu a exposição e a discussão sobre temáticas que podem ocasionar o *bullying* quando não expostas e tratadas. Nossa experiência fez parte de um projeto

maior que havia no espaço escolar anualmente como culminância de práticas desenvolvidas ao longo do ano que tinham como temática o enfrentamento ao *bullying*. Sobre isso, percebe-se a função imprescindível da instituição de ensino no esforço em tratar essa temática, pois isso impacta positivamente na vida dos educandos e sua abordagem é prevista por lei. Por esse motivo, a tratativa do *bullying* no ambiente escolar precisa ser coletiva.

No evento como um todo, houve a oportunidade de dialogar com os estudantes, os pais dos educandos, como também com a comunidade escolar e professores de outras instituições interessados na temática. Por causa disso, adotamos uma abordagem ampla, que dialogasse com todos os públicos. Como o foco foi realizar uma pesquisa interventiva, concebemos nossa prática como pesquisa-ação, pois ela, como ressalta Gil (2017, p.40), “tem características situacionais, já que procura diagnosticar um problema específico numa situação específica com vistas a alcançar algum resultado prático”. Com isso, procurou-se promover uma discussão com foco na tomada de consciência e enfrentamento ao *bullying*.

Como já foi visto, para tratar do fenômeno *bullying*, é necessário falar sobre autoconhecimento numa intenção à prevenção do problema. Por isso, na nossa experiência, a conversa foi direcionada para temáticas como: isolamento em tempos de pandemia, a importância da arte para a ressignificação das relações sociais em tempos de isolamento social, a leitura enquanto ato de fruição, ansiedade e medos que, durante a pandemia, foram minimizados através da leitura de textos literários e pela escrita para a expressão dos sentimentos, e como a leitura, juntamente

com a cultura e a arte, fizeram esse processo ser menos dolorido. Convidamos dois autores pernambucanos, ambos professores e escritores de textos literários, para dialogar sobre qual estava sendo o papel desempenhado pela escrita e pela leitura em tempos de isolamento social.

Outro tópico abordado foi o papel da escrita enquanto processo de autoconhecimento e construção de valores - senso de humanidade. O objetivo era atuar de forma preventiva ao fenômeno *bullying*, na intenção de apresentar aos alunos e ao público a reflexão sobre si próprio de forma a evitar e minimizar os impactos do fenômeno, além do adoecimento emocional que o período de pandemia trouxe para muitos. Salientamos que o projeto, como um todo, também contou com a fala de uma profissional da psicologia para abordar esse tema com toda a seriedade que ele merece.

Com relação à questão trazida por um dos participantes como senso de humanidade, foram levadas pelos escritores convidadas questões sobre empatia, respeito e alteridade com o intuito de, além de prevenir, conscientizar e minimizar a violência através da construção de valores. Sentimentos esses que podem ser externalizados através da escrita literária ou não com o intuito de expressão dos sentimentos. Procurou-se, também, encorajar os estudantes para exibição dos seus textos e que eles possam ter amplo espaço de divulgação com a presença da tecnologia e da democratização da leitura. Desse modo, a escrita torna-se “redentora, balsâmica”, bem como foi pontuado por um dos participantes da conversa através dos comentários.

Para os pais que assistiam a roda de diálogo, houve a sugestão de apresentar a leitura para os filhos com discussões

problematizadoras que apresentem temáticas como empoderamento e autoaceitação, estimulando a leitura e fortalecendo as relações familiares em tempos de isolamento social. Na roda de diálogo, também foram sugeridas leituras literárias com enfoque existencialista com vistas à reflexão no momento de isolamento social.

O trabalho desenvolvido, ao manter uma postura de diálogo, procurou atuar de forma preventiva ao *bullying*, estimulando sentimentos como o autoconhecimento e a empatia. Nessa experiência, a tentativa de atingir vários públicos foi concretizada e dialogou tanto com docentes, quanto para estudantes e seus respectivos familiares. O retorno que obtivemos através dos comentários foi positivo e o alcance, através do *YouTube*, foi favorável para a difusão da conversa.

Sendo assim, consideramos que a realização de uma roda de diálogo on-line dentro do evento sobre o Dia Mundial do *Bullying* obteve êxito, pois tratou temas relevantes, como a importância da leitura e da escrita, além do autoconhecimento enquanto ferramenta para a reflexão da necessidade do enfrentamento ao fenômeno *bullying* e também pelas angústias provocadas pelo período de isolamento decorrente da pandemia. Também confirmamos que a pesquisa foi bastante favorável para o nosso intuito, já que se procurou trazer contribuições de modo a modificar a realidade ao nosso redor. Nesse sentido, a vivência da roda de diálogos estimulou para que mais indivíduos lutem por uma sociedade mais empática e humanizada.

Referências

- FERREIRA, H. M. **Vamos Conversar sobre bullying e cyberbullying?** CPI dos maus-tratos contra crianças e adolescentes. Brasília: SEGRAF, 2017. 38 p.
- FREIRE, P. **Conscientização** – teoria e prática da libertação. 3.ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- _____. **Extensão ou comunicação?** 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- _____. **Educação como prática da liberdade.** 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa? 6.ed. - São Paulo: Atlas, 2017.
- LIMA NETO, W. C. de. **Livros Cartoneros: uma estratégia pedagógica de enfrentamento ao bullying escolar.** Dissertação (Mestrado) – Universidade de Pernambuco. Campus Mata Norte. Mestrado em Educação, Nazaré da Mata: 2019.
- ROJO, R. Pedagogia dos Multiletramentos. In: MOURA, E; ROJO, R. (orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SILVA, E. W. de L. **Estratégias de leitura para as aulas de educação física a partir do gênero história em quadrinhos [manuscrito]: o bullying como temática motivadora.** Dissertação (Mestrado profissional em formação de professores) – Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2019.
- SOARES, M. B. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade.** Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.
- VASCONCELOS, V. O.; et al. Educação popular e meio ambiente: diálogos com populações tradicionais amazônicas. **Ambiente & Educação**, v.15, n.1, p. 47-66, 2010.

Recebido em 2021-10-15

Publicado em 2022-05-01